

**Memórias, subjetividades e militância política: os usos do passado pelas
“Mujeres Libres”**

Maria Clara Pivato Biajoli*

“O levante militar do ano de 1936 contra a República espanhola teve o efeito de um clarín.

O povo espanhol, como um só homem, ofereceu-se para defender seu regime democrático e se preparou para a luta armada que resultou larga, dramática e sangrenta. (...) Pequenos grupos de mulheres, espalhados por todo o território, de forma fragmentada incorporaram-se a este esforço e sacrifício.

Em Madri e Barcelona havia um seletto bastião de companheiras que desde muito tempo tratavam de agrupar e organizar voluntários para ajudar a mulher espanhola que vegetava em um vergonhoso estado de inferioridade e submissão, nada coerente com a dignidade humana e o processo evolutivo da Sociedade.

Estas companheiras captaram a extraordinária oportunidade que se apresentava naqueles momentos para organizarem-se seriamente com garantias de êxito. Uniram seus esforços, projetaram uma organização a nível nacional, e assim nasceu a Agrupación Mujeres Libres.”¹

O pequeno texto acima foi extraído de um artigo publicado em 1999 por Concha Liaño, uma ex-ativista anarquista e uma das milhares de mulheres espanholas que estiveram afiliadas, no final da década de 1930, ao grupo anarco-feminista *Mujeres Libres*.

Fundada na Espanha no ano de 1936, meses antes do início da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), a *Agrupación Mujeres Libres* nasceu da união de dois grupos anarco-feministas, o *Mujeres Libres de Madrid* e o *Grupo Cultural Femenino*, de Barcelona. Com propostas de criação de escolas para mulheres operárias, creches, cursos de capacitação e profissionalizantes, maternidades, etc, para a libertação da mulher, sua atuação foi muito marcada pelo contexto da guerra. Durante os três anos de guerra civil, o

grupo desenvolveu as mais diversas atividades para fazer uma revolução social, juntamente com outras organizações anarquistas, que não alterasse somente o sistema político vigente, a dominação capitalista dos patrões sobre os empregados, mas que extinguisse também a hierarquia homem-mulher, livrando as mulheres inclusive da obrigação do lar e da maternidade. Para isso, o grupo se concentrou em capacitar as mulheres para atividades fora do lar, cuidou da sua educação, saúde e dos seus filhos; criou uma revista de divulgação de suas idéias e atividades, a *Revista Mujeres Libres*, e procurou também desenvolver a formação política de suas mais de vinte mil afiliadas, defendendo uma união na qual as mulheres deveriam também lutar ao lado dos homens contra o capitalismo.

Da mesma forma que seus companheiros das organizações anarquistas CNT - Confederacion Nacional del Trabajo, FAI - Federación Anarquista Ibérica e JJLL - Juventudes Libertárias, entre outras, o *Mujeres Libres* também teve suas portas fechadas quando a revolução foi vencida e o general Francisco Franco, líder do lado nacionalista, assumiu o poder. A grande maioria das afiliadas seguiu rumo à França e ao exílio (a maioria a pé pelos Pirineus), do qual algumas só retornariam depois da morte do ditador, em 1975.

Durante a década de 1960 e começo da década de 1970, algumas dessas afiliadas se reuniram e tentaram retomar aquele trabalho em prol das mulheres paralisado anos atrás, publicando inclusive uma nova revista, o “*Portavoz de la Federación de Mujeres Libres de España en el Exilio*”, em Toulouse. Com a abertura de 1975, no entanto, essas mulheres descobriram que, dentro da própria Espanha, outras companheiras mais jovens estavam fazendo o mesmo trabalho, e decidiram assim encerrar esse grupo do exílio e passar a colaborar com aquele da Espanha.

Quase ao mesmo tempo, uma das fundadoras do ML, Mercedes Comaposada, tomou a iniciativa de escrever um livro sobre esse movimento dos anos de 1936-1939. Reuniu suas companheiras e iniciou um grande trabalho de pesquisa, de recuperação de documentação, de coleta de depoimentos e, por fim, de escrita do livro. Infelizmente, esse manuscrito desapareceu com a morte de Mercedes, bem como toda aquela documentação, e algumas companheiras, como Pura Pérez, estão ainda à sua procura.

Na década de 1990, a tentativa de reorganizar a memória daquele período incandescente de suas vidas foi retomada por mulheres já octogenárias, mas ainda com muita força e vontade de fazê-lo. Lançaram, em 1999, pela Fundação Anselmo Lorenzo, também anarquista, uma coletânea de documentos e depoimentos chamada “Mujeres Libres - Luchadoras Libertarias”. Muitas, como Sara Berenguer e Pepita Carpena, publicaram autobiografias, e já realizaram um documentário sobre o *Mujeres Libres* e a Revolução Espanhola chamado “De toda la vida”². Tudo isso caracteriza um trabalho intenso de memória e história, mesmo sem toda aquela documentação perdida, que esperamos que seja localizada.

A pesquisa que aqui apresento focaliza exatamente esse momento de escrita da memória por parte dessas mulheres, objetivando refletir sobre a questão dos usos do passado: primeiro, pergunto como essa memória reconstrói o passado de acordo com as experiências presentes. Ou seja, como o olhar moldado pelas experiências presentes constrói e reconstrói de inúmeras maneiras a lembrança (e também o esquecimento) do passado. Como diz Ecléa Bosí:

*“Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. **A memória não é sonho, é trabalho.** Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, ‘tal como foi’, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída por materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam a nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista”³.*

Em segundo lugar, e este questionamento na verdade não pode ser dissociado do primeiro, penso de que forma o passado, olhado e formado pelo presente, influencia-o, ou seja, como ele se faz importante na construção das subjetividades dessas mulheres no tempo de agora, como elas se entendem ainda como militantes e lutadoras mesmo sem mais exercer tais atividades como faziam outrora.

Penso, assim, em práticas de construção de si. Estas, de acordo com Michel Foucault, são “(...) *práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram (...) fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos (...)*”⁴. Se tomarmos uma pequena frase de Christian Ferrer na qual ele diz que “*o anarquismo não constituiu um modo de pensar a sociedade da dominação mas sim uma forma de existência contra essa dominação*”⁵, podemos concluir que a experiência passada dessas mulheres, durante a Guerra Civil Espanhola, foi vivida de acordo com os valores anarquistas e feministas que as militantes possuíam e, por isso, podemos perceber que as existências daquelas mulheres foram construídas de forma artística. No entanto, ao pensar a situação destas mulheres hoje, não posso evitar a idéia de que essa construção de si continua, e porque se quer ainda artística, é baseada na memória daquele período já que a vida cotidiana atual não fornece tantos subsídios para isso, como o passado da Revolução Espanhola.

Ao refletir dessa forma e ver que essas mulheres hoje não são mais as mesmas militantes de outrora, especialmente pelo passar do tempo que as transformou e transformou também o movimento anarquista do qual faziam parte, penso que, ao invés de se restringirem a uma identidade baseada no presente, por exemplo, como mães ou avós, elas se voltam ao passado para se construírem também como ex-militantes, *ex-Mujeres Libres*, que é uma identidade muito mais adequada a todo o feminismo e anarquismo que elas carregam consigo.

Um aspecto que considero extremamente importante para se entender essa idéia é a experiência dessas mulheres no exílio. Durante esse período, o que elas tentaram fazer não foi um projeto de memória, mas sim um trabalho de reconstrução do grupo *Mujeres Libres*.

Para tal, reuniram algumas companheiras e reeditaram a revista porta-voz do grupo, retomando suas atividades de militância, mesmo longe da Espanha. E por que essa iniciativa, ao invés de escrever já naquela época um livro de memórias? A minha sugestão é de que, desejando e lutando para reconstruir o que haviam perdido com o exílio, elas não precisassem naquele momento dessa memória para ter a dignidade que advém de se enxergar e se entender como militante (ou, pelo menos, como ex-militante), ao contrário de hoje.

Assim, convencida da importância da memória para a construção das subjetividades das *ex-Mujeres Libres*, apresento aqui importantes idéias que encontrei sobre este tema:

O historiador francês Jacques Le Goff, em seu verbete “Memória”, escrito para a Enciclopédia Einaudi, demonstra acreditar em uma extrema importância das lembranças do passado e da tradição na construção da identidade de um indivíduo ou de um grupo social. Ele afirma:

*“A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual e coletiva, cuja busca é uma das actividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”.*⁶

Nesse sentido, no trabalho com os depoimentos escritos pelas companheiras do *Mujeres Libres*, é essencial perceber de que forma elas se constroem na atualidade como mulheres libertárias também através da memória das experiências daqueles anos. Mais ainda, segundo Pierre Nora, estas mulheres organizaram materiais, livros, folhetos, até um arquivo sobre o grupo ML, porque a sociedade atual não acredita na memória oral, como tradição, e precisa, por isso, de documentos, arquivos, lugares de memória para que esta seja preservada. Essa atitude, que Nora chama de “materialização da memória”, também deve ser problematizada⁷.

Ainda com Nora, seria possível pensar que a preservação dessa memória materializada fornece às libertárias um sentimento de continuidade em relação ao passado. Este não seria, assim, realmente passado, pois um esforço de lembrança poderia ressuscitá-lo. Ao contrário do trabalho do historiador que, ao organizar, trabalhar sobre essa

experiência e colocá-la nos livros, introduz uma quebra, declarando-a oficialmente passado⁸. Mais uma vez, o passado como contínuo alimenta a subjetividade destas mulheres.

Por outro lado, essa “conseqüência” do trabalho histórico que Nora aponta, de torná-lo passado definitivo, pode ser pensada também como um alívio se lembrarmos da relação entre memória e trauma. Ao tomar aqui as reflexões de Márcio Selligman-Silva e Arthur Nastrovsky na introdução ao livro **Catástrofe e Representação**⁹, poderia assim pensar que institucionalizar a memória de um evento traumático, tornando-a história e não mais memória, acaba por criar uma distância, um afastamento, que talvez até amenize os sofrimentos causados por ele. Então, ao contrário de Nora, para quem a materialização da memória é fator de lembrança, para Selligman e Nastrovsky ela é um fator de autoproteção. Estarão, assim, as *ex-Mujeres Libres* querendo lembrar ou tentando ainda hoje superar o trauma do ano de 1939? E, dessa forma, como pensar suas subjetividades?

* Mestranda do curso de História da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) na área de História Cultural

¹ GIL, Conchita Liaño “Y así nació la Federación de Mujeres Libres” in GIL, Conchita Liaño... [et al.] **Mujeres Libres: Luchadoras Libertarias** Madrid: Fundación Anselmo Lorenzo, 1999, p.35.

² “De toda la vida” (produzido por Lisa Berga e Carol Mezer) Catalunha, 1986.

³ BOSI, Ecléa **Memória e Sociedade - Lembrança de Velhos** São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 05.

⁴ FOUCAULT, Michel **História da Sexualidade 2 - O uso dos prazeres** Rio de Janeiro: Graal, 1984, p.15.

⁵ FERRER, Christian “Átomos Soltos: a construção da personalidade entre os anarquistas no começo do século XX” **Revista Verve - NuSol/Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais - PUC/SP**, nº5, maio/2004, p.162.

⁶ LE GOFF, Jacques “Memória” in **Enciclopédia Einaudi, Memória - História** (trad.) Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, vol.1, p.46.

⁷ Cf: NORA, Pierre - “Entre memória e história: a problemática dos lugares”, **Revista Projeto História**, nº10, dezembro/1993, p. 14.

⁸ NORA, Pierre, op. cit., p. 17

⁹ Cf: NESTROVSKI, Arthur e SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs.) **Catástrofe e Representação** Editora Escuta, 2000.